

Elaborando um projeto local para enfrentar a violência na escola

Cleide Leitão

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITÃO, C. Elaborando um projeto local para enfrentar a violência na escola. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores* [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 235-260. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

9. Elaborando um Projeto de Intervenção Local para Enfrentar a Violência na Escola

Cleide Leitão



Neste capítulo, pretendemos apresentar e discutir alguns aspectos importantes para a elaboração de um plano de intervenção local, a fim de prevenir e reduzir a violência na escola. O texto visa a favorecer a construção de projetos locais articulados à formação de redes de atenção integral, que expressem algumas ‘ideias força’, como compartilhamento, corresponsabilidade, pertencimento, mediação, participação, envolvendo os diferentes atores da escola no enfrentamento de situações de violência.

Elaboramos o texto destacando aspectos importantes, vinculados à prática pedagógica, na construção do plano de prevenção à violência, através de algumas diretrizes quanto à organização do trabalho e à análise do contexto local, identificando dificuldades e potenciais que balizam metodologias de construção da intervenção a ser implementada. A intenção é de fazermos esse percurso de forma dialógica, com casos ilustrativos, indicações de leituras, imagens e relatos de experiências nacionais e internacionais de prevenção à violência na escola.

No estudo dos capítulos deste livro, vocês conheceram e aprofundaram temas relevantes. Agora é o momento de transformar o aprendizado do curso em um projeto de intervenção, dando mais concretude ao que foi assimilado nessa trajetória. Mas, antes de iniciarmos a discussão sobre os aspectos específicos ligados à construção do projeto, é importante refletirmos sobre os pressupostos e as diretrizes que devem orientá-lo e que estão ancorados na compreensão da educação e da escola no contexto atual e seus reflexos no trabalho pedagógico. Vamos lá!

Reflexões iniciais

A ideia de começar pelo caso de Jane, uma professora de português do 6º ao 9º ano (equivale ao que se chamava de 5ª a 8ª série) do Ensino Fundamental, tem a intenção de favorecer reflexões sobre as possibilidades reais e concretas de mudanças no cotidiano, principalmente quanto ao enfrentamento de algumas situações de violência que ocorrem no espaço escolar ou cujas consequências chegam a ele.

UM DIA NA VIDA DE JANE

Jane era a quinta professora de português da turma 501, somente no 1º semestre letivo do ano. Havia sido convocada às pressas para substituir a professora anterior que se licenciou por problemas de saúde. Embora sua jornada de trabalho já fosse intensa, afinal trabalhava no turno da manhã em uma escola particular e no turno da tarde em uma escola pública, essa regência no turno da noite daria um adicional necessário ao seu salário e com isso poderia pagar aquela pós-graduação tão sonhada. Não sabia ainda como ia se organizar para retomar os estudos, mas a possibilidade a entusiasmava.

No caminho para a escola ouvindo Seu Jorge cantar “trabalhador brasileiro, dentista, frentista, ‘professor’, bombeiro...” ia pensando no que fazer com a turma, principalmente com um grupo de alunos que provocava, desrespeitava e agredia o tempo todo. A última situação tinha sido provocada por Ana, uma adolescente de 16 anos, que, gritando na sala, perguntou por que ela tinha a bunda tão grande. O sinal tocou logo em seguida e todos se dispersaram, e Jane, perplexa com a atitude, ficou sem ação.

Ao chegar à sala Jane cumprimentou os alunos como sempre fazia e contou que Ana na aula passada havia feito uma pergunta que ficara sem resposta, refez então a pergunta e disse que provavelmente o avantajado de suas ná-

degas se devia à sua ascendência negra, assim como outras características de seu tipo físico: o cabelo crespo, os lábios grossos, a pele mais escura.

Aproveitou para conversar sobre a mistura do povo brasileiro, o que podia claramente ser percebido nas diferentes feições de cada um ali na sala, falou também do preconceito que discrimina, segrega, agride e cega a maneira de olharmos e convivermos com os outros. E por fim aproveitou o mote para lançar o projeto “Os outros”, no qual a partir da exibição do vídeo com o mesmo nome do projeto, trabalharia com eles algumas marcas da identidade nacional e a cidadania de modo criativo e bem-humorado, tal como é a proposta do vídeo, de modo que a produção final do projeto resultasse em um jornal elaborado pela turma.

Ana e a turma ficaram bastante surpresos com a reação de Jane, e especialmente naquele dia a aula transcorreu sem tensões. Ao voltar para casa, Ana foi planejando melhor o projeto para o qual convidaria outros professores a participar, proporia entrevistas com familiares e pessoas da comunidade, pois sabia, por experiências anteriores, que a adesão deles enriqueceria e agregaria das outras áreas de conhecimento experiências importantes para o desenvolvimento do projeto.



Sugestão de vídeo

Os outros. Brasileiros são os outros? Identidade e cidadania no século XXI, é um documentário de Fernando Mozart, de 2000, que narra de forma criativa e humorada as descobertas de um marciano a respeito de algumas marcas da identidade nacional do brasileiro e a relação da ideia de ‘outros’ com a ausência de uma cidadania ativa e participativa. O marciano do documentário veio ao Brasil para pesquisar o que é a “Coisinha do pai”, música de Beth Carvalho, que foi cantada em Marte por um robô da National Aeronautics and Space Administration, conhecida como Agência Espacial Americana (Nasa).

Para refletir

Em que aspectos você educador(a) se identifica com a história de Jane?
Como você analisa sua trajetória na profissão com o contexto sociopolítico do país? Para você o que é educar diante dos desafios atuais?

Educação, escola e o trabalho pedagógico

São as práticas sociais que forjam os diferentes objetos, saberes e sujeitos que estão no mundo

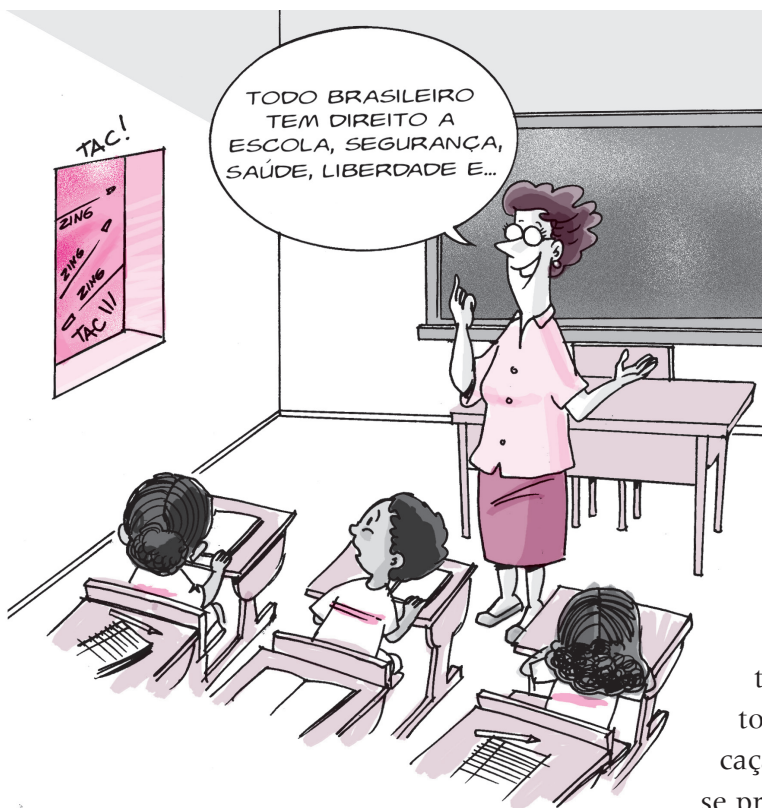
Foucault

Na atualidade os desafios em relação à educação exigem uma abordagem que contemple o processo de desenvolvimento do ser humano compreendido como sujeito social, inserido em determinada cultura, sociedade e meio ambiente. A intencionalidade da educação tradicional centrada no desenvolvimento do indivíduo e na transmissão cultural vem, segundo Gadotti (2000), passando por um deslocamento de enfoque do individual para o social, a fim de compreender o sujeito em um contexto

maior. A educação, a partir do final do século XX, passou a ser permanente e social.

O mundo está mudando rapidamente, e essas mudanças trazem novas e inquietantes questões educacionais. A educação necessária ao nosso século e aos desafios com os quais lidamos precisa investir em um processo de interação profunda com a realidade social. Desse modo, é preciso

que se compreenda o sentido de 'todo' para que a consciência da educação como direito humano inalienável seja cada vez mais incrementada (Braslavsky, 2005).



A questão é que, na sociedade contemporânea, vivemos em condições de adversidades complexas, tais como: violências, guerras, conflitos políticos, fome, pobreza, doenças etc. Dessa maneira, educar as pessoas nessa realidade exige pensamento crítico e reflexivo permanente sobre o contexto em que se vive e necessidade de se qualificar para intervir nessas condições de vida.

A educação assume um papel fundamental no desenvolvimento do país, sobretudo tornando 'letra viva' a garantia de uma educação básica de qualidade à população, na qual se priorize a dimensão humana, pois quanto mais desenvolvido e educado é um povo, mais condições têm de consolidar os direitos humanos e avançar na democracia, além de buscar um desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, atualmente, não basta mais ensinar para o futuro: o futuro é gestado no presente, no conhecimento, reconhecimento e enfrentamento dos problemas e desafios que temos de superar e transformar hoje. E o aprendizado não se restringe apenas à dimensão da razão, aos aspectos cognitivos. Sobretudo quando se trata da educação em direitos humanos é necessário conhecer e experimentar valores que estão na base dessa educação: dignidade, liberdade, justiça, solidariedade, cooperação, entre outros.

Embora os processos educativos não ocorram apenas na escola é nela que encontramos um *locus* privilegiado. A escola é uma instituição social e como tal reflete a sociedade do seu tempo, trazendo as marcas da sua história.

Como você estudou no capítulo 2, a violência é um fenômeno social bastante complexo e são várias as definições, as tipologias e as expressões que ela assume no ambiente escolar. As causas e as relações que geram situações violentas na escola desafiam os estudiosos. Alguns estudos acenam, entre outras causas, para a própria estrutura da sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais e econômicas que afetam a formação de valores e o comportamento das pessoas.

A reação de Ana, aluna de Jane, é um exemplo de violência interpessoal que se manifesta na escola e em outras situações da vida cotidiana, mas que possui causas que ultrapassam o contexto escolar.

A violência nas escolas é um fenômeno que produz sequelas e contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de socialização, de aquisição e construção de conhecimentos, de formação do ser e de veículo por excelência do exercício e da aprendizagem, da ética e da comunicação dialógica e, portanto, antítese da violência.

Torna-se necessário criar as bases de uma escola que tenha consciência da violência como algo construído socialmente e portanto passível de prevenção, uma escola que tenha o diálogo como recurso privilegiado na resolução dos conflitos que deve gerir e que pode contribuir para a formação de cidadãos capazes de se tornarem agentes de mudança.

A escola tem várias formas de organizar a proposta e o trabalho pedagógico: o projeto político-pedagógico, a organização curricular, o planejamento das aulas, o plano de trabalho, a programação de eventos pedagógicos, o diário de classe, o conselho de classe, entre outros. No entanto, o fundamental é que essas formas expressem a concepção de educação e de ser humano que se quer formar.

Dentre as formas de expressar as ideias e organizar o trabalho pedagógico, destacamos o projeto político-pedagógico por ser ele a carta de



É importante que você fique atento para as articulações entre o projeto de intervenção e as variadas formas de organizar o trabalho pedagógico na sua escola, buscando sempre, na medida do possível, conhecer e agregar essas construções.

intenções de cada escola, a qual deve espelhar a concepção de educação escolhida, a concepção de homens e mulheres que se quer formar, a proposta curricular, as metodologias, as práticas desenvolvidas, o perfil dos professores e alunos, a comunidade escolar, a avaliação, o estabelecimento de metas, entre outros.

Para que o projeto contribua efetivamente para a qualidade do trabalho educativo, ele deve ser compreendido como processo – se fazendo na e sobre a prática –, como uma construção coletiva. Assim, o projeto não se constitui na simples produção de um documento, mas na consolidação de um processo de ação-reflexão-ação que exige esforço conjunto e vontade política de todos da escola (Veiga, 2001).

O projeto pedagógico deve ser construído coletivamente, envolver os diferentes atores que formam a escola – professores, alunos, responsáveis e funcionários – e precisa ser avaliado e revisto continuamente. O foco deve ser os alunos, identificando-se quem eles são, suas histórias, seus contextos de vida, suas necessidades e aspirações de aprendizagem e a diversidade do espaço escolar.

Para refletir

Você já participou da elaboração de propostas educativas coletivas? A participação de todos os envolvidos foi assegurada? O que você destacaria dessa experiência?

O direito à educação foi garantido, principalmente, na ampliação do acesso, trazendo grupos sociais que historicamente não integravam a escola. No entanto, a qualidade social da educação precisa ser assegurada por meio da permanência dos alunos na escola, para que eles encontrem sentidos no aprendizado, aceitem e convivam com as diferenças e fortaleçam o pertencimento à escola e à sociedade. Sousa Santos (2000) nos lembra que temos o direito de ser iguais quando a diferença nos descaracteriza e temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos caracteriza. Contudo, isso não é tarefa fácil, mas deve ser enfrentada na defesa de uma política de igualdade de direitos, que respeite culturas e hábitos diferentes. Alguns princípios devem ser considerados no trabalho de prevenção e redução da violência: solidariedade, convivência,

tolerância, respeito e convívio com as diferenças, aceitação do outro, diálogo, negociação, mediação, combate às desigualdades e exclusões sociais, respeito aos direitos humanos, pluralidade de ideias, compartilhamento cotidiano.

A escolha de Jane foi transformar a agressão de Ana em situação de aprendizado e dar oportunidade à turma de construir com ela um projeto participativo orientado para ampliação de conhecimentos, valorização da diversidade e do respeito mútuo. O alcance dessa ação terá maior efeito se o projeto for ampliado e envolver outros professores e profissionais da escola e incluir a participação dos familiares e da comunidade.

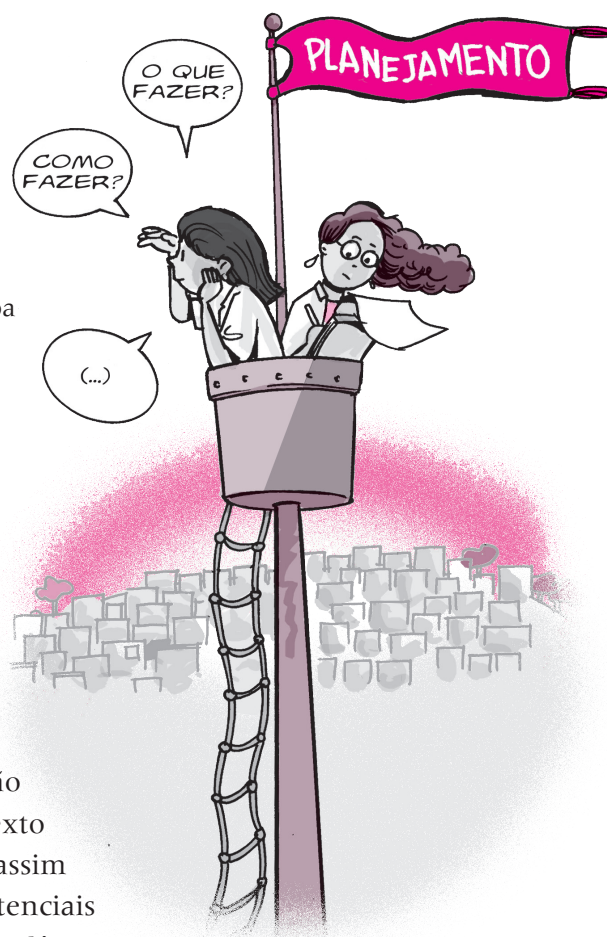
Conhecendo a realidade local

*A minha alma está armada
E apontada para a cara do sossego,
Pois PAZ SEM VOZ, PAZ SEM VOZ,
Não é PAZ é medo.
Às vezes eu falo com a vida (...)
Qual a PAZ que eu não quero conservar
Pra tentar ser feliz.*

O Rappa

Considerando que a atividade de planejar é uma ação de análise crítica da realidade que se tem e da que se quer alcançar, do que se faz e do que ainda precisa ser feito para atingir o que se almeja, o primeiro movimento é o de conhecer a realidade local.

Para que o projeto de intervenção seja significativo para os alunos é importante conhecer o contexto real de vida que eles têm, dentro e fora da escola. Nesse sentido, a análise do contexto deve favorecer a identificação das situações da sua escola e da realidade local, o contexto interno da escola, as situações de violência observadas, assim como as ações de prevenção e promoção que revelam potenciais e as possíveis parcerias que já atuam na redução dessas violências.





Exercitar certo estranhamento em relação ao cotidiano escolar contribui para compreender situações de violência nem sempre evidentes e ajuda a olhar de outra forma aquilo que parece rotineiro.

Sua escola e a realidade local

Antes de qualquer intervenção, é fundamental conhecer e analisar o contexto social no qual a escola está inserida.

O diagnóstico do contexto social e institucional da escola deve considerá-la na relação com a família e a comunidade, de modo a subsidiar, através do levantamento de dados diretos e indiretos, as diversas dimensões da realidade escolar e comunitária.

PREVENÇÃO E TRATAMENTO

Não é fácil construir uma sociedade igualitária que evite a ruptura dos laços familiares, que eduque de forma adequada as crianças, diga não às drogas, encontre alternativas às cadeias, acabe com as armas e aplique justiça com isenção. Não existem soluções mágicas. Elas dependem do envolvimento de cada um de nós na educação das crianças nascidas na periferia do tecido social (Varella, 2003).

Procure incorporar questões relativas à história sociocultural e política da escola: as condições materiais, como a infraestrutura, o meio ambiente; as condições de trabalho, os recursos disponíveis; a dinâmica e a cultura escolar; os sujeitos; as relações hierárquicas (relações de poder) e entre pares; os modos de convivência comunitária; a diversidade de interesses; os conflitos; o processo de gestão; os processos participativos; as manifestações de violências; e a relação entre a escola e as famílias e entre a escola e a comunidade.

Para refletir

Em que situação encontra-se o seu contexto escolar? Quais os problemas que preocupam a comunidade escolar? Quais os elementos que podem contribuir ou dificultar ações de redução/prevenção da violência na sua escola?

O contexto interno da escola

Pense nos problemas do contexto escolar e busque mapeá-los e analisá-los: evasão, repetência, relação idade/série, as dificuldades em relação aos currículos, metodologias, falta de professores, necessidades de formação, sistemáticas de reuniões, relação com as famílias, relação com a comunidade, administração do ensino, condições do prédio, condições materiais, recursos disponíveis etc.



Para a elaboração do seu projeto, opte por aquilo em que se pode agir diretamente, com base nas condições concretas existentes.

As situações sinalizadoras de violência

Sempre que possível, exerça um estranhamento em relação ao ambiente escolar, as suas turmas e aos seus alunos. Observe e registre sinais e situações de violência na escola: ações de *bullying*, violências físicas entre estudantes, violências psicológicas dos professores em relação aos alunos e vice-versa, violência institucional contra os estudantes, professores e funcionários e se há casos de violência inter-relacional entre namorados no espaço escolar, de violência sexual, entre outras.



Para a elaboração do seu projeto de intervenção, as situações de violência observadas devem ser pensadas de forma integrada, na medida em que demonstram interdependência e se interpenetram.

Retomando o caso de Jane como exemplo, a eficácia do seu projeto será maior se não ficar restrito apenas à sua turma, mas ao procurar envolver outros professores, familiares e comunidade. Mesmo com mais trabalho e algumas tensões, o envolvimento de mais atores no processo aumenta as possibilidades de ampliar a discussão e a vivência da cidadania, de construir coletivamente, de melhorar a convivência e de fortalecer os laços de pertencimento. É de fundamental importância relacionar o projeto de intervenção ao projeto político-pedagógico da escola.

As iniciativas de prevenção e proteção e as parcerias

Identifique a rede de proteção já existente na escola ou no entorno escolar: Conselho Tutelar, Conselho dos Direitos de Crianças e Adolescentes, Conselho Escolar, Conselho de Saúde, projetos associados à escola, parcerias institucionais (ONGs, universidades), parcerias empresariais, atividades socioculturais e esportivas, associações de moradores, comu-

nitárias, de pais e mestres, serviços públicos, como saúde, segurança, assistência social, entre outros.

Estratégias metodológicas

Algumas estratégias metodológicas participativas podem ser usadas para essa análise do contexto local, contribuindo na identificação da situação das escolas e das situações de violência. Dentre elas, destacamos a problematização e a pesquisa-ação.

Problematização

O caminho da problematização na ação educativa parte do diálogo estimulando a capacidade criadora e a compreensão da realidade em permanente transformação. A reflexão se faz sobre os seres humanos e sua relação com o mundo, o que significa refletir, com os alunos, e todos os outros atores da instituição escolar, para que percebam, criticamente, ‘como estão sendo no mundo’, ‘com que e em que se acham’ (Freire, 1979). A prática problematizadora propõe aos homens e às mulheres a sua própria situação como problema a ser superado pela ação, ou seja, requer a compreensão da situação-problema, a crítica sobre o que deve mudar e decisões sobre os pontos problemáticos que orientem ações transformadoras com a participação de professores, diretores, funcionários e estudantes.

Pesquisa-ação

Como o nome já diz, procura aliar a investigação à ação ou à prática, desenvolvendo o conhecimento e a compreensão de determinada situação como partes da prática. Uma das suas características é que enquanto se investiga os motivos, por exemplo, que levam a determinadas situações de violência, já se produzem intervenções sobre essa mesma realidade. As principais características da pesquisa-ação são: a) o processo de pesquisa deve ser ao mesmo tempo um processo de aprendizagem para os participantes; b) as estratégias utilizadas devem levar à modificação

da situação-problema; c) as atividades desenvolvidas devem resultar em ações práticas. A estratégia problematizadora pode se valer dessa modalidade de pesquisa, pois sua característica fundamental é atuar em determinada situação-problema como parte da investigação.

Na sua realização, a pesquisa-ação a respeito das situações de violência, tem etapas: a) definir o problema; b) rever livros, artigos e outros materiais já produzidos sobre o assunto; c) produzir hipóteses e perguntas geradas a partir da prática de quem está envolvido ou a partir da revisão bibliográfica realizada; d) observar e levantar a situação-problema; e) fazer uma análise crítica da situação; f) fazer uma listagem de mudanças possíveis; g) desenvolver um projeto contendo um plano de ação realista e possível, voltado para transformar a situação-problema; h) implementar e avaliar o projeto. É importante ressaltar que a pesquisa-ação deve envolver todos os atores internos da escola e, se possível, a família e os membros da comunidade.

Além dessas, há outras possibilidades de (re)conhecer o contexto no qual você atua, como entrevistas e questionários abertos ou semiestruturados, avaliação diagnóstica para identificar os principais problemas e observação atenta e sistemática com registros sobre as ocorrências.

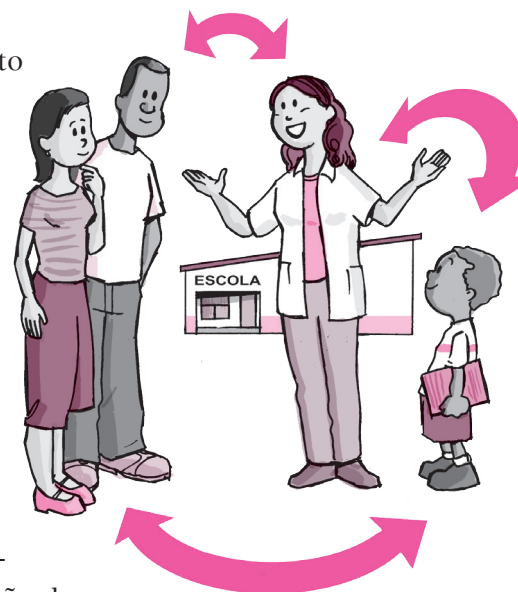
O desafio é perceber que no mesmo cotidiano onde as situações de violência se expressam estão também algumas possibilidades de superação. O importante é que você, professor, e os demais profissionais da educação se sintam preparados para o reconhecimento, a prevenção e o enfrentamento das diferentes situações de violência, assim como para incluir a participação da família e da comunidade, tanto na condição de sujeitos passíveis de proteção quanto na de parceiros na garantia e promoção dos direitos de crianças e adolescentes.



Para saber mais:

- Consulte na página <www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a11v1133.pdf> o artigo "Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo", de Marília Gouveia de Miranda e Anita C. Azevedo Resende.

- Consulte na página <www.interface.org.br/revista2/artigo3.pdf> o artigo "A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?", de Neusi Aparecida Navas Berbel.



No capítulo 1 você conheceu algumas ações propostas no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, elas podem ser orientadoras na construção do seu projeto de intervenção. Para conhecer o Plano acesse: <www.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>.

Transformando a realidade: o projeto de intervenção local

Na menor das minhas ações, afeto toda a humanidade.

Sartre

O que é um projeto? É uma intenção e um propósito de ação para alcançar um fim. Todos nós fazemos projetos no nosso dia a dia. Projetar é partilhar escolhas, conhecimentos, desejos e sonhos. Embora o projeto de intervenção não seja uma novidade na prática escolar, sua contribuição está na possibilidade de qualificar o trabalho político-pedagógico, por exemplo, em relação à temática da violência. Muito mais do que um conjunto de objetivos, metas e procedimentos sua potência está na possibilidade de instituir outra prática e outra ação.

As práticas educativas cotidianas, por menores e pouco visíveis que possam parecer, constituem poderosos instrumentos de reprodução e/ou criação, produzindo os mais surpreendentes efeitos. Esse efeito a professora Jane quis provocar na sua turma ao propor o projeto “Os Outros” e, no destaque abaixo, a Amostra histórico-geográfica é um bom exemplo concreto de criação e alcance de uma ação desenvolvida na Escola Municipal Reverendo Martin Luther King no Rio de Janeiro, pelas professoras Maria Cândida Caetano Gomes e Lilia Márcia de Almeida Silva com alunos do 6º ao 9º ano (antiga 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental).

AMOSTRA HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Há seis anos resolvemos tornar público o trabalho de história e geografia que cotidianamente construímos em sala de aula com nossos alunos. As duas primeiras amostras foram na escola. Mas, era preciso tornar visível essa produção do cotidiano, mostrar a outros olhares a qualidade dos trabalhos produzidos por toda a turma, pois nossos alunos merecem ver e ser vistos. Pulamos, então, o muro da escola e há quatro anos contamos com a parceria do Prof. Franklin Trein, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que nos abraça e cria condições para apresentarmos a Amostra na universidade.

A Amostra reúne um pouco do muito que produzimos na prática educativa com arte, criatividade, criticidade, reflexão e prazer. Os alunos discutem e

mediam debates de temas polêmicos com professores universitários; representam esquetes e peças teatrais; apresentam composições musicais de sua autoria; participam de oficinas temáticas; elaboram as homenagens e ainda promovem sessões dos vídeos trabalhados em sala de aula. Os resultados nos fazem continuar e afirmar: é possível dar visibilidade ao trabalho da sala de aula. É possível construir nesse espaço um mundo de esperanças, de alegria, um mundo mais fraterno, resultado da nossa ação conjunta, alunos e professores. Um aprendendo com o outro. É possível construir a paz.

Profas. Maria Cândida Caetano Gomes e Lilia Márcia de Almeida Silva – professoras de geografia e história da E. M. Reverendo Martin Luther King (RJ).

Fonte: GOMES, M. C. & SILVA, L. M. de A. A construção da paz na diversidade. *Almanaque do Aluá*, n. 2, SAPÉ/MEC, 2006.

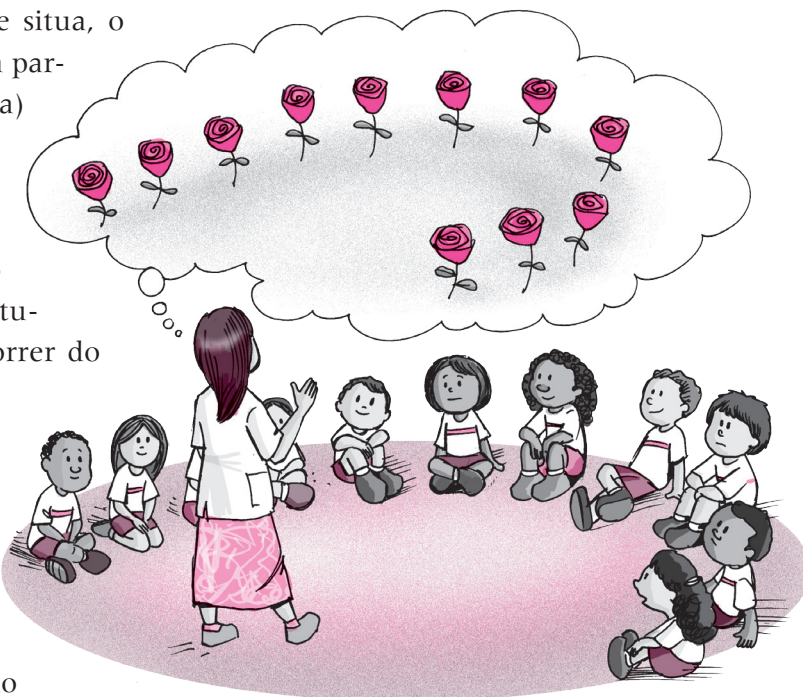


A organização do plano de intervenção local demanda reflexões sobre o contexto, o processo pedagógico, os sujeitos envolvidos. Exige também que se pense com clareza os objetivos que se quer alcançar, as prioridades, as atividades, a participação dos envolvidos, metodologia, recursos, definição de etapas, acompanhamento e avaliação. Preparar-se para essas etapas significa dimensionar as reais condições de implementação de ações educativas para reduzir e prevenir a violência que ocorre no espaço escolar.

A Amostra é um exemplo concreto de que é possível mudar e fazer a diferença no trabalho cotidiano de sala de aula. Que essa experiência seja inspiradora da discussão que teremos sobre o projeto de intervenção.

Da mesma forma que o diagnóstico e a análise do contexto local partem do território no qual a escola se situa, o plano de intervenção deve ser proposto a partir da realidade concreta. O(A) professor(a) no planejamento seleciona e escolhe um tema relevante, significativo para seus alunos e propõe ações e atividades de intervenção na realidade local, trabalhando conhecimentos, valores, habilidades e atitudes que intenciona desenvolver no decorrer do projeto.

Considerando que a análise do contexto local explicitou tanto as situações de violência quanto lhe forneceu indicadores de estratégias para a superação, cabe agora selecionar um tema que possa ser desenvolvido como projeto de intervenção em perspectiva multidisciplinar e integradora.



Algumas 'ideias forças' são relevantes para a construção do projeto de intervenção que você fará:

- ▶ reflita sobre a concepção de educação e sobre a concepção de sujeito e de sociedade que se quer alcançar;
- ▶ considere as diretrizes orientadoras que norteiam as ações de redução e prevenção de situações de violência;
- ▶ compartilhe, troque, mesmo sendo você o responsável pela elaboração do projeto, envolva além dos seus alunos, outros professores, outros profissionais, outros atores da comunidade.

Etapas da elaboração do projeto de intervenção

A elaboração do projeto de intervenção requer a explicitação das seguintes etapas:

Retome os princípios norteadores desenvolvidos no capítulo 1 deste livro ao pensar as fases iniciais da elaboração de seu projeto.



- ▶ Seleção do tema – deve estar articulado com a realidade de sua escola e com as necessidades de seus alunos, para que favoreça uma aprendizagem significativa.
- ▶ Justificativa – descreva o porquê da ação, do ponto de vista teórico e prático, identificando as necessidades, os motivos e a relevância social da proposta. Considere os princípios norteadores, as diretrizes e principais conceitos que orientam a ação, assim como o diagnóstico realizado.
- ▶ Problematização – defina a situação-problema a ser investigada e solucionada por meio de pergunta norteadora.
- ▶ Objetivos gerais e específicos – explicita para que se está propondo o projeto, a intencionalidade da ação, o que se pretende alcançar, a curto, médio e longo prazo.
- ▶ Público – situe para quem se destina o projeto, considere o perfil do grupo, a adequação do projeto à faixa etária e os principais interesses.
- ▶ Abrangência – considere o território da atuação (escola, bairro, comunidade), os grupos sociais e as instituições envolvidas.
- ▶ Estratégias de ação – descreva o que fazer para alcançar os objetivos propostos. Relacione para cada ação as atividades a serem realizadas correlacionando-as aos objetivos propostos. Dimensione nas atividades o tempo, os recursos técnicos e metodológicos necessários para seu desenvolvimento com providências concretas.

- ▶ Metodologia e recursos técnicos – escolha os caminhos a serem percorridos e os recursos técnicos necessários.

Para favorecer processos educativos críticos, criativos e significativos na construção da autonomia dos sujeitos, tornam-se imprescindíveis o uso de metodologias participativas, que contemplem diversas formas de linguagens. Favoreça sempre que possível, no desenvolvimento do projeto, os processos de interações grupais por meio das dramatizações, dos jogos lúdicos, do trabalho em grupo, dos grupos de estudo, das oficinas pedagógicas, das aulas dialogadas, dos debates. Use e abuse no bom sentido dos recursos audiovisuais como filmes, vídeos, documentários, fotografias, fotojornalismo, imagens, história em quadrinhos, charges, peças publicitárias estimulando a reflexão crítica e um outro olhar sobre as mesmas. Possibilite também, na medida do possível, o acesso a outras linguagens, como as artes plásticas, por exemplo. Estimule o espírito investigador por meio de estudos de casos, história de vida, pesquisas em *websites*, testemunhos vivos da própria comunidade, entre outros.

- ▶ Cronograma de ações – dimensione no tempo a duração do projeto e de cada ação a ser implementada.
- ▶ Referências bibliográficas – organize as fontes bibliográficas, iconográficas e outras que foram usadas na elaboração do projeto.

Acompanhamento e avaliação

O acompanhamento e a avaliação do projeto são fundamentais e demonstram cuidado, comprometimento e crítica ao percurso, redirecionando, se necessário, as ações planejadas ou revelando a pertinência do que foi vivido e realizado.

A avaliação na concepção transformadora combina autoavaliação, o olhar coletivo e plural dos diversos participantes e deve ser reflexiva, investigativa, contínua, participativa, negociada, democrática, envolvendo todo o processo educativo. Na avaliação do projeto, os resultados são utilizados para subsidiar a melhoria da qualidade da ação pedagógica como um todo. Nessa perspectiva, alguns princípios devem ser considerados:

- ▶ Reflexão – deve ser uma ação investigativa e reflexiva.

- ▶ **Cooperação** – deve ser um ato coletivo e consensual do qual participam todos os envolvidos, direta e indiretamente.
- ▶ **Continuidade** – deve acompanhar o desenvolvimento do projeto, identificando o estágio em que se encontra.
- ▶ **Integração** – deve ser parte integrante da ação educativa: ela é produto e fator da ação pedagógica.
- ▶ **Abrangência** – deve atingir todos os componentes do projeto.
- ▶ **Versatilidade** – deve se basear em inúmeras aferições, em vários tipos de dados, informações e opiniões processados em diferentes momentos.

Para refletir

Analise sua própria prática de avaliação. Em que aspectos você a considera satisfatória?

Em que aspectos você gostaria de mudar?

Ao falar sobre a relação entre planejamento e avaliação, Luckesi (1995: 67) expressa sua concepção sobre a avaliação: “Enquanto o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto”.



Pode ser produzida uma forma de registro simples e clara como recurso para o acompanhamento e a avaliação do Projeto.

Seus resultados devem ser apresentados para toda a comunidade escolar.

A avaliação deve dar respostas a algumas indagações: melhorou a relação entre as pessoas da escola? Fortaleceu-se o convívio e o trabalho coletivo? Conselhos e reuniões tornaram-se mais produtivos? O projeto provocou mudanças na prática de sala de aula? Como os alunos estão reagindo ao Projeto? Como demonstram em suas atitudes essas mudanças?

Programas e projetos de intervenção: algumas experiências nacionais e internacionais

Para contextualizar você sobre algumas experiências mundiais de prevenção à violência na escola, apresentaremos alguns exemplos de atividades ou programas realizados no Brasil e em outros países que visaram à redução da mesma. A maior parte das iniciativas nacionais e internacionais visa a prevenir a violência 'praticada por jovens'. Menor quantidade delas abrange as muitas outras formas de violência que atingem crianças e adolescentes e que poderiam ter na escola um importante locus de prevenção.

Alguns países, por exemplo, os EUA, investem na prevenção de forma mais geral, tendo um gasto estimado em 425 bilhões de dólares anuais, (cerca de 28 dólares anuais por adolescente) com programas escolares que atingem alunos e pais. O país investe 4.500 dólares anuais por jovem infrator, sendo que toda a família recebe terapia multissistêmica. Os programas de prevenção realizados em escola costumam ter menor custo e estão dentre os que mostram bons resultados nas avaliações realizadas naquele país (Sherman *et al.*, 1997).

Os programas de prevenção à violência realizados em escolas buscam, além da interrupção da violência, prover estimulação intelectual, aumentar as habilidades cognitivas e o sucesso acadêmico futuro. Estudos com essa finalidade mostram consistência nos bons resultados de sucesso escolar. O estímulo à competência costuma estar direcionado a adolescentes e familiares, abrangendo competências sociais e de resolução de problemas; competências de tomada de perspectiva; competências de regulação emocional e de autocontrole. São geralmente propostas atividades que melhorem a capacidade de empatia, de dar e receber cumprimentos, de perguntar e formular pedidos, além de observação do comportamento não verbal, baseado no pressuposto de que crianças agressivas tendem a atribuir significado mais hostil aos atos de outrem do que crianças não agressivas (Negreiros, 2001).

Existem ainda programas direcionados a aumentar a capacidade de a escola promover transformações, especialmente no que se refere ao pro-



Embora os governos privilegiem os investimentos em segurança pública, os dados comprovam que economicamente é mais barato prevenir a violência. Nos EUA, para cada dólar gasto com tratamento multissistêmico para jovens infratores – o mais caro e considerado efetivo –, o governo economiza 14 dólares em custos futuros com justiça criminal (Sherman *et al.*, 1997).

cesso de tomada de decisões, que mostram resultados muito promissores. As intervenções envolvem educadores, pais, estudantes e membros da comunidade engajados em planejar e desenvolver as atividades para melhorar o ambiente escolar (Assis & Constantino, 2005).

Dos 109 programas nacionais de prevenção à violência apresentados por Mesquita Neto *et al.* (2004) em revisão sobre o tema, 13 estão centrados na escola. Outros 18 programas também desenvolvem intervenções relacionadas com o espaço escolar de forma integrada, embora tenham outros focos de atuação. O oferecimento de atividades extracurriculares é uma das formas de prevenção mais efetivas, seguidas pela tentativa de democratização do espaço escolar e pelo estímulo ao protagonismo juvenil. Além disso, há também exemplos de programas de conscientização sobre as drogas, de capacitação de professores, de estímulo à educação artística e de inclusão dos portadores de necessidades especiais na comunidade escolar. Vejamos, a seguir, algumas experiências que podem contribuir com elementos para a elaboração do seu projeto de intervenção.

Exemplos de programas de prevenção

Intervenção da Abrapia em escolas do município do Rio de Janeiro

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) formulou e aplicou em 11 escolas públicas e particulares do município do Rio de Janeiro (estudantes de 5^a a 8^a séries – atuais 6 ao 9 ano) um trabalho para prevenção e redução do *bullying* durante dois anos consecutivos. Partiram dos seguintes princípios: não existem soluções simples para resolução do *bullying*, já que é um fenômeno complexo e variável; cada escola deve desenvolver suas próprias estratégias e estabelecer suas prioridades em relação ao tema; a única maneira de se obter sucesso é a cooperação de todos os envolvidos (alunos, professores, gestores e pais). Houve sempre a preocupação de se apresentarem os principais conceitos teóricos referentes ao *bullying* a todo o corpo docente das escolas, ouvindo suas observações a respeito. Foram propostas estratégias pedagógicas capazes de inserir a discussão sobre *bullying* como um tema transversal, comprometendo todos os profissionais nas atividades desenvolvidas na escola. Além disso, foi

proposto que se dessem amplas oportunidades para a participação efetiva dos alunos neste processo, permitindo-lhes acesso à informação, à definição de estratégias e às medidas de controle e avaliação das ações *antibullying* implementadas, especialmente com alunos-representantes das diversas turmas.

Como resposta positiva ao programa, observou-se maior disseminação do conhecimento sobre *bullying* nas escolas envolvidas além da redução de alunos-alvo e alunos-autores.

Entre algumas das atividades realizadas nas escolas pode-se citar: uma professora de português que orientou os alunos a montarem uma peça teatral falando a respeito do *bullying*; uma professora de artes plásticas que sugeriu a confecção de cartazes e desenhos falando sobre o tema, compondo o mural de entrada da escola; professores que passaram a se reunir com frequência entre os turnos da manhã e da tarde para discutir, entre outros assuntos, a incidência de *bullying* nas suas turmas e ações necessárias para evitar ou reduzir essa incidência. (Neto & Saavedra, 2003).

Proposta de intervenção em Matosinhos/Portugal, 1998/99 (3º ao 6º anos de escolaridade)

Três categorias fundamentais de abordagens preventivas dos comportamentos antissociais e delinquentes foram identificadas: estratégias baseadas no desenvolvimento de competências, intervenções no nível da família e intervenções em contextos escolares. As intervenções em ambientes escolares têm o objetivo de promover experiências positivas, reforçar o desenvolvimento de ligações da criança à escola e diminuir a probabilidade de esta se associar a pares delinquentes. Incluem-se nessas abordagens estratégias e técnicas preventivas visando ao estabelecimento de um ambiente positivo para aprendizagem e utilização frequente e apropriada de encorajamentos e elogios visando a reforçar certos comportamentos desejáveis. Enfim, esses programas baseiam-se, em larga escala, em abordagens centradas na aquisição de competências: aprendizagem de competências de empatia, competências de autocontrole e de regulação emocional, competências sociais.

O objetivo central da proposta foi desenvolver competências sociocognitivas e comportamentais que permitam, entre outros aspectos, ajudar os indivíduos a tomar decisões responsáveis acerca das drogas e dos seus efeitos; promover um melhor autoconhecimento dos seus estados emocionais; facilitar a aquisição de competências de autocontrole e de regulação emocional; estimular a identificação dos fatores que podem ser uma influência nos comportamentos; e favorecer a aquisição de competências sociais e de resolução de problemas.

Exemplo de atividades para informação sobre drogas

Discutir os conceitos de hábito e estilo de vida relacionados com a saúde. Utilizar *role-plays*, pedindo aos alunos que dramatizem bons e maus hábitos de saúde e estilo de vida. Explorar aspectos que permitem definir um determinado hábito ou estilo de vida como bom ou mau.

Exemplo de atividade para lidar com os sentimentos

Compreender a diferença entre sentimentos e comportamentos e reconhecer a influência negativa das emoções no comportamento. Pedir aos participantes que deem exemplos de situações em que um determinado sentimento (por exemplo, frustração) deu origem a um comportamento específico (por exemplo, agressividade). Explorar de que forma podem ser evitados certos comportamentos inapropriados originados por sentimentos específicos.

Exemplo de atividade para processo de tomada de decisão

Pedir aos alunos para enumerar cinco decisões que tomaram na véspera, indicando-as por ordem crescente de importância. Explorar por que razão foram aquelas decisões consideradas mais importantes. Salientar que as decisões que tomamos estão relacionadas com gostos e interesses particulares.

Exemplo de atividade para competências sociais

Atividade para demonstrar que “quando estou calado também posso me comunicar”. Estabelecer um certo período de tempo (ex: 15 minutos) e dar indicação ao grupo de que só poderá comunicar através de meios não

verbais. Depois, discutir, sublinhar que os nossos gestos revelam os nossos verdadeiros sentimentos mesmo que tentemos disfarçá-los com palavras.

Exemplos de estratégia/programa de intervenção

Proposta de intervenção em Teresina (PI)

Projeto pedagógico de uma escola particular de Teresina – Piauí, que busca em sua essência trabalhar o tema de valores, na intenção de procurar desenvolver, tanto nas questões práticas do cotidiano quanto no confronto com a realidade social excludente, o senso de respeito, justiça, solidariedade e responsabilidade social. A proposta acredita que a aproximação da família com a escola seja prerequisite indispensável neste processo, posto que a formação de valores se origina e se consolida verdadeiramente na família. O público-alvo do programa são alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio. É uma proposta interdisciplinar envolvendo toda equipe escolar: direção, supervisores, professores, alunos, monitores, merendeiras, vigilantes e secretárias.

Os objetivos específicos do programa são: desenvolver o senso de cidadania e responsabilidade social; cultivar o exercício de uma moral humanitária; exercitar o sentimento de indignação diante das injustiças; trabalhar o senso de tolerância e respeito à diversidade; priorizar o aspecto humano e espiritual em detrimento do material; cultivar a solidariedade; e protestar contra a indiferença.

Em cada bimestre é abordado um tema principal que é composto de algumas ações em conjunto e outras realizadas com cada professor. Utiliza-se TV, DVD, aparelho de som, projetor, livros, revistas, jornais e Internet.

Os resultados do projeto indicam que toda ação pautada nos valores tem visibilidade, sendo percebida uma transformação no espaço escolar. Entre os educadores houve maior interação nas relações humanas de empatia, tolerância e maior envolvimento com os alunos. Os alunos demonstram, entre si, maior envolvimento com o fortalecimento da amizade, do respeito, da capacidade de perdoar, e nas rotinas em sala de aula, maior desenvoltura nas atividades em grupos (Equipe de Professores e Coordenação Pedagógica do Colégio Pró-Campus, Teresina, Piauí, 2009).

Intervenção em duas escolas (1º e 2º ciclo) dos conselhos de Braga e Guimarães – Portugal (Pereira, 2008)

A intervenção para diminuir o comportamento agressivo de crianças em duas escolas de Portugal (uma do primeiro ciclo e outra do segundo ciclo) foi constituída em quatro partes: processo e intervenção global nas escolas, intervenção específica nos recreios, programa de treino dos alunos e uma avaliação final.

O processo de intervenção envolveu toda a comunidade educativa, visando a implementar uma identidade própria em cada instituição. A sensibilização/formação da comunidade educativa iniciou-se com a sensibilização da direção e depois dos docentes, funcionários, alunos e pais. Para aqueles que trabalham na escola foi feita uma breve exposição do projeto educativo que visa ao combate à agressividade e à promoção de comportamentos cooperativos. Foi pedido a cada um que apresentasse as dificuldades concretas que tivessem surgido para resolver alguma questão de relação interpessoal com os alunos. Depois foi apresentado e discutido um conjunto de estratégias com o objetivo de melhorar a relação pedagógica com alunos, numa atitude firme, mas sem autoritarismo. Os alunos foram sensibilizados de forma mais lúdica. Por exemplo, foi organizado um concurso intitulado “Concurso Espaços de Recreio – Textos, Desenho e Materiais de Jogo”, com a dupla função de sensibilizar os alunos para o projeto educativo e colher opiniões junto de cada um sobre como gostavam de ter o seu recreio e os jogos ou brincadeiras que mais gostavam de fazer. Pretendeu-se com isso implicar os alunos nas mudanças dos espaços de recreio.

O melhoramento e a diversificação dos espaços fazem parte do projeto tendo em vista que havia o objetivo de melhorar os espaços exteriores, criar espaços exteriores de recreios específicos, criar ludoteca, equipar a sala de informática e animar e supervisionar os espaços. Essa iniciativa integra o projeto uma vez que visa à instalação de uma escola de qualidade, adaptando-se aos interesses dos alunos, combatendo a violência e favorecendo a criação de uma imagem positiva da escola. Além disso, muitas escolas reportam que o espaço do recreio é onde ocorrem maiores manifestações de *bullying*.

A intervenção também foi feita por meio de atendimento aos alunos; ou seja, em alguns casos, especialmente indicados por professores, foi necessária uma abordagem individualizada ou em grupo dos alunos com comportamentos mais agressivos. Ficou claro para a equipe de implementação do programa que iniciativas antibullying passam pelo desenvolvimento de valores na escola, de competências sociais das crianças e de capacidade de partilha de ideias e problemas.

Considerações finais

No estudo de todos os capítulos deste livro você pôde conhecer, aprofundar e identificar as conceituações e as variadas expressões da violência na escola, pôde refletir, obter conhecimentos e ampliar a sua compreensão (assim esperamos) de forma a qualificar ainda mais sua ação. E ao finalizar este capítulo a nossa intenção é que você professor(a) possa se sentir mais preparado para elaborar um projeto de intervenção local.

Como você pode perceber na leitura deste texto, não há um caminho pronto e único a ser seguido, mas indicações e orientações de como construir o seu caminho, o qual se concretizará por meio do projeto de intervenção. Foi possível também valorizar as experiências que vêm dando certo no mundo e no país e reconhecer que todas elas passam pela vontade de agir, pela capacidade de articular os atores e por estratégias e técnicas de envolvimento coletivo e de ações passíveis de serem realizadas na prática. Em uma das experiências citadas, a iniciativa foi de uma ONG; em outras, o papel principal foi da própria escola, e no último caso, ela foi fruto de uma intervenção política mais ampla por parte do Estado.

No entanto, retomando a epígrafe de Sartre, por menor que possa parecer o universo de uma sala de aula, esse microespaço contém e afeta parte significativa da humanidade. Os projetos de intervenção local na redução/prevenção da violência na escola, devidamente implementados e avaliados, podem mapear percursos e iniciativas que contribuam para o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes, valores e habilidades no fortalecimento da educação em direitos humanos. É essa a nossa aposta.

Atividade 1

Elabore, preferencialmente com seus pares, um projeto de intervenção para a redução e prevenção de situações de violência na sua escola.

Para elaborá-lo, retome sempre que necessário as seções deste capítulo, as etapas de elaboração do projeto e dialogue com seus pares sobre as suas escolhas. Lembre-se de incluir no projeto a maneira como irá avaliar o resultado de sua proposta e bom trabalho!!!

Referências

- ASSIS, S. G. & CONSTANTINO, P. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10: 81-90, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Sedh/MEC, 2005.
- BRASLAVSKY, C. *Dez Fatores para uma Educação de Qualidade para Todos no Século XXI*. São Paulo, Brasília: Moderna, Unesco, 2005.
- CENTRO DE REFERÊNCIA DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA. *Sistema de Notificação e Detecção da Violência nas Escolas Públicas: proposta para a integração entre projetos pedagógicos e sistemas de garantia de direitos*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, s/d.
- EQUIPE DE PROFESSORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO COLÉGIO PRO-CAMPUS, TERESINA, PIAUÍ. Convivência: um exercício de valores. *Revista Mundo Jovem*, 4, 2009 Disponível em: <www.procampus.com.br>.
- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 2000. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em: 01 ago. 2009.
- LUCKESI, C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MESQUITA NETO, P. et al. *Relatório sobre a Prevenção do Crime e da Violência e a Promoção da Segurança Pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), 2004. (Relatório preparado para o Projeto Arquitetura Institucional do Sistema Único de Segurança Pública).
- NEGREIROS, J. *Delinquências Juvenis: trajetórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Notícias Editorial, 2001.
- NETO, A. A. L. & SAAVEDRA, L. H. *Diga Não para o Bullying! Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.
- PEREIRA, B. O. *Para uma Escola sem Violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Imprensa de Coimbra, 2008.

SHERMAN, L. W. et al. *Prevention Crime: what works, what doesn't, what's promising – a report to the United States Congress*. Washington: National Institute of Justice, 1997.

SOUZA SANTOS, B. de *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

VARELLA, D. Raízes sociais da violência. In: *TV Escola*, edição nº 30, mar.-abr. 2003

VEIGA, I. P. A. Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? *Caderno Cedes*, 23(61): 267-281, 2003.

Formato: 21 x 26 cm
Tipologia: Meridien e Frutiger
Papel: Print max 90g/m² (miolo)
Cartão supremo 250g/m² (capa)
CTP, impressão e acabamento: Imprinta Express Gráfica e Editora Ltda.
Rio de Janeiro, agosto de 2010.